
A Dominação Masculina no Desafio de Cururu: Resistência da Mulher na Música Caipira de Sorocaba¹.

Luiz Carlos RODRIGUES²
Paulo Celso SILVA³
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP.

RESUMO

Neste trabalho evidenciaremos a dominação masculina dentro do desafio de cururu na cidade de Sorocaba, São Paulo. Um estilo de música caipira improvisado, derivado das Festas do Divino, que vem da tradição católica. A dominação masculina dentro desta cultura, mostra a dificuldade das mulheres para se estabelecer dentro da música. Duas mulheres, ainda vivas, são subversoras deste processo patriarcal. A manutenção do domínio masculino nos espaços da música não tem abertura para novos talentos e provoca tensão também entre os homens. Com o pensamento oposto ao sincretismo teórico, propomos lei para apoio público para promoção, divulgação e renovação da cultura, sem mudar sua essência.

Palavras-chave: Desafio de Cururu; Dominação Masculina; Sincretismo Teórico; Mulher; Renovação.

Introdução

O desafio de cururu é uma das manifestações culturais mais importantes da região do Médio Tietê, São Paulo, derivado das Festas do Divino, tem tensões no gênero biológico, homem e mulher, ao qual vamos permanecer na discussão, também no espaço físico de apresentações, divulgação em mídias e violência simbólica contra cantoras.

Com a pesquisa algumas soluções foram apresentadas ao poder público e outras merecem atenção e continuidade nas discussões, caso da mulheres, com somente duas representantes nesta região, com cerca de dois milhões de habitantes.

Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, estão baseados na literatura do cururu, literatura de dominação masculina, acompanhamento no ano de 2017

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do PPGCC- Uniso. E-mail: luizinho.rodrigues@gmail.com

³ Professor do PPGCC - Uniso. Doutor em Geografia Humana. E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

e 2018 das apresentações mensais ao vivo, que aconteceram no Clube Barcelona e Parque dos Espanhóis, na Cidade de Sorocaba, São Paulo – Brasil, conversas informais com participantes, programas transmitidos pela TV COM, canal 07 da NET Sorocaba, entrevistas realizadas pela TV Uniso, observação do ambiente e pesquisa empírica publicada no Facebook.

A mulher no cururu

A dificuldades apresentadas no contexto cultural dominante do Brasil em relação à mulher em todos segmentos, sejam sociais, econômicos, de trabalho, estudo e oportunidades são latentes. Partindo deste conceito, o foco deste trabalho evidencia a luta de uma sorocabana, Ana Sueli Gardiano, a Nhá Bentinha, para quebrar os paradigmas dominantes, para cantar na tradição do desafio de cururu.

O cururu tem presença em sua maioria de homens, que administram as participações nos palcos, participam e cantam, cabendo às mulheres cuidarem da organização dos eventos e participarem na plateia.

O tema inicial da pesquisa estava relacionado às buscas dos grupos marginalizados, como descreve Luiz Beltrão, 1980, em sua teoria, que não teriam representação nos meios de comunicação, mesmo dialogando com a cultura e o folclore local e regional, utilizando mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, tal como os cururueiros.

Ao desenvolver a pesquisa encontramos o objeto principal a ser estudado, que estava até então, em segundo plano. Dentre as pessoas, que estavam assistindo aos eventos, estava Ana Sueli Gardiano, 70 anos, radialista, atriz de radionovelas, apresentadora de shows e cururueira, senhora de sorriso fácil, de simplicidade ímpar, sentada na frente do palco, prestando atenção aos repentes, interagindo de forma alegre com as rimas, vaiando quando havia necessidade, atuando nos altos e baixos das rimas masculinas, de acordo com o assunto do duelo.

A leitura de Santa Rosa, 2007, intensificou o interesse de saber o motivo da ausência das mulheres repentistas caipiras dentro do desafio, como protagonistas. A participação das mulheres, como cantoras, é apontada por ele, porém sem identificação, apenas destacando, através da produção de informações, que eram boas cantoras, faziam rimas, com especial atenção aos seus dotes físicos. Santana, 2007, p. 84, faz o contraponto

e faz menção sobre a cantora Pedrilha Pires Correia, na década de 1947 e no relato à Santa Rosa, Moacir Siqueira menciona a prima, sem citar o nome, que cantava cururu com os mais afamados da época, com toada e baixão próprios, cantava o cururu por pontos, que o tema apresentado era debatido até a resolução dentro do desafio, também cantava no sagrado e enfrentava todos de frente e tinha o apoio da plateia, “Era uma morenona bonitona e na sala a torcida era tudo dela” (SANTA ROSA, 2007: 135).

E a atualidade em 2018 como está? Quantas mulheres estão cantando? Como foi o desafio de entrar neste mundo masculino? Tem espaço para novos talentos? E a dominação masculina?

Com várias perguntas em mente a busca se iniciou. Ao conversar com Cido Garoto, na época com 74 anos, mais de 60 dedicado ao cururu, informou só conhecer duas delas, a sorocabana Nhá Bentinha e outra em Santa Barbara do Oeste, a cantora e apresentadora de rádio Aparecida Lucas Carvalho, a Cidinha do Cururu.

Com os nomes das cantoras vivas anotados, fomos em busca de informações e chegamos a D’elboux, 2010, que conta a história de Cidinha do cururu, cantora atualmente com 76 anos, que começou a cantar a pedido do irmão, que ao ficar doente, pediu a ela que continuasse a tradição familiar de cantar, iniciando então a sua carreira no cururu. Cidinha é nascida em 06 de Julho de 1942, mora em Santa Bárbara do Oeste, no bairro do Campo.

“Meu irmão adoeceu e me pediu para que eu cantasse no lugar dele, quando não estivesse mais aqui. Ele me disse também que onde eu estivesse cantando, ele estaria junto de mim”, disse satisfeita e ainda acrescenta que o amor pelo Cururu é antigo e que vai continuar cantando até o dia em que Deus permitir” (D’ELBOUX, 2010, p. 61).

Com dois casos registrados, escolhemos buscar a história de Ana Sueli Gardiano, por estar próximo e estar inserida no contexto do cururu e ser a única mulher a cantar em Sorocaba. Pensamos então em refletir com a história da sorocabana, em sua trajetória para entrar neste universo masculino, e os motivos que a fez parar por volta de 2003, como protagonista no desafio de cururu.

O cururu é um território marginalizado pelas mídias, que não abre espaço para divulgação, que perdeu espaço físico para apresentações e tem perdido também a renovação de seus cantadores, segundo os relatos informais do cantador Cido Garoto,

falecido em 16 de maio de 2018, somente dois cantadores emergiram nos últimos 30 anos e teoricamente nenhuma cantora nos últimos 50 anos.

Avançamos na pesquisa com entrevistas, programas de TV, conversas informais com cururueiros, observação e busca na literatura dos casos da mulher na linha de frente destas apresentações, a fim de saber sobre Nhá Bentinha, da sua entrada no cururu e o buscar o entendimento do espaço por ela adquirido, dentro no modelo patriarcal e verificar a motivação dela deixar de ser protagonista, deixar de cantar o desafio com outros homens, já que não existe caso de outra mulher na cidade de Sorocaba.

Produção de informações

Com as idas aos encontros realizados uma vez ao mês, sempre no último domingo de cada mês, que na ocasião era no Clube Barcelona, na cidade de Sorocaba, conseguimos alcançar confiança de membros do grupo, e começamos a entender as dificuldades, as necessidades, os conflitos, a falta de espaço e falta do poder público nas atividades e no incentivo da tradição.

Imaginamos então fazer um questionários com perguntas a serem respondidas pelos participantes, para que eles pudessem expressar suas próprias visões do cururu, e assim foi realizado. A pesquisa poderia trazer pontos interessantes, que agregariam na busca de informações relevantes, para entender o desafio, as perguntas estavam relacionadas ao perfil de idade, a disparidade de gênero, dicas para melhorar o desafio, reclamações de cantadores e fragilidade de espaço para novos talentos.

A pesquisa foi feita utilizando a internet, com publicação no Facebook, possibilitando que todos pudessem entrar e responder, no conforto da casa ou mesmo do seu smartphone. Neste momento identificamos outro problema, a adesão era baixa, pois, muitos não usavam nem mesmo telefone, não tinha habilidade com computadores, tinham dificuldade de acesso à internet e desinteresse por tecnologia.

Para sanar esse problema inicial instalamos dois computadores no local das apresentações, por dois eventos seguidos, nos meses de Junho e Julho de 2017, com pessoas habilitadas, orientadas para auxiliar os participantes e escrever exatamente a resposta dos entrevistados, sem mudar o contexto ou ideias do entrevistado. Salientamos que em alguns casos, houve erro de digitação, correção automática, porém o conteúdo que interessava, não foi alterado.

Com a análise dessas informações os caminhos da pesquisa foram se abrindo e alguns pontos foram interligados, revelando então problemas comuns que havíamos ouvido no local e em conversas informais e outros que precisariam de ajuda pública.

Iniciamos então outro caminho de pesquisa no site da Câmara Municipal da cidade de Sorocaba, em busca das leis que poderiam ajudar, tanto para o enriquecimento cultural da cidade, quanto para própria sobrevivência do cururu.

Seguindo a pesquisa investigamos o site, na legislação vigente, encontramos duas leis, uma dando nome de rua, (lei n. 7.083, de 05 de maio de 2004), denominando de Rua Benedito Garuti, a Rua 05, localizada no Jardim Wanel Ville V, (cinco), em Sorocaba. Homenagem feita ao pai do Cantador Cido Garoto, após seu falecimento. Outra lei encontrada (lei n. 853, de 18 de outubro de 1961), dava incentivo fiscal, isentando de impostos jogos e diversões públicas, aos espetáculos de cururu, desde que tivesse requerimento ao poder executivo, prefeitura da cidade, com cinco dias de antecedência.

Encontramos nesta busca um vazio do incentivo público para a arte, a cultura e divulgação do cururu. Ao perceber essa lacuna, sugerimos aos participantes do cururu, lei que pudesse valorizar essa modalidade, ideia prontamente aceita pelo grupo. A provocação, fora da área acadêmica, estava lançada.

Com um pensamento lido em Miège, 2000, da crítica ao sincretismo teórico, ou seja, o lamento do autor sobre a formação teórica dos estudantes de comunicação, que acabariam por deixar de lado, vários caminhos que poderiam ser desenvolvidos fora da universidade, ficando os estudos no mundo acadêmico, o que deixariam as pesquisas sem positividade prática na sociedade, por falta de entendimento ou acesso.

Começamos a intermediar o diálogo com a Câmara Municipal da cidade, para que isso pudesse ser viável e uma data pudesse ser estudada, para comemoração na agenda oficial do município e que a proposição pudesse dar condições para o poder público agir, amparada na lei, no interesse da preservação desta cultura popular.

A proposta foi moldada de acordo com os parâmetros legislativos, juntamente com o vereador João Paulo Nogueira Miranda, que deu prosseguimento nos trâmites legais. O vereador deixou a cadeira em Outubro de 2017, voltando a ser suplente. O projeto foi encampada por outro vereador, João Donizeti Silvestre, que levou adiante as discussões, aprovando a lei, que hoje está no calendário municipal da cidade.

A notícia da aprovação da lei⁴ alegrou aos participantes, pois o texto da lei permite que haja incentivo à participação de outros personagens, para desenvolvimento e manutenção do cururu, portanto, eles começaram a perceber que há necessidade de abertura do sistema hoje existente, para que novos participantes, as mulheres, possam ter espaço e seguir cantando o cururu. Abaixo o texto na íntegra da lei aprovada.

PROJETO DE LEI Nº 116/2017

Institui o “Dia do Cururu” em Sorocaba, a ser celebrado no dia 19 de Julho.

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta:

Art. 1º Fica instituído o “Dia do Cururu” no Município de Sorocaba, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.

Art. 2º O “Dia do Cururu” fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município de Sorocaba.

Art. 3º O Poder Executivo poderá promover divulgação do “Dia do Cururu”, lembrando a data com apresentações públicas, exposições e outros.

Art. 4º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

S/S., 10 de abril de 2017

JP Miranda

Vereador

Um passo foi dado, um apoio legal do poder público poderia ajudar o cururu a diminuir a distância do conhecimento público desta arte e também abrir caminhos para novos cantadores e cantadoras.

Cido Garoto em entrevista disse que essa atitude poderia melhorar o relacionamento da sociedade com o cururu, que no momento estava desconhecido e esquecido, e que o número de novos artistas, que conseguiriam entrar e permanecer no grupo de cururueiros poderia aumentar, oxigenando a renovação dos cantadores, pois menos pessoas estavam entrando, do que deixando o cururu, por motivos de saúde, idade e por falecimento.

⁴ Lei aprovada do dia do cururu a ser comemorada em 19 de Julho em Sorocaba.

O incentivo público poderá dar mais visibilidade, espaço e ajudar no enriquecimento de capital cultural, abrir caminho para cursos gratuitos de viola caipira, cessão de espaços para apresentações, incentivo da participação feminina, com políticas públicas e divulgação no rádio, que ao cururu deu notoriedade, através de patrocínios, viabilizando um reencontro e aproximação deste meio com o cururu, possibilitando a expansão e conhecimento popular.

A discussão desta propositura se intensificou e se transformou em solenidade de homenagem relativa ao dia do cururu, realizada no dia 08 de maio de 2018, as 19:30, na Câmara Municipal de Sorocaba. Cururueiros regionais foram convidados e estimulados a levar a ideia de realizar leis de comemoração ao dia do cururu em suas cidades, podendo então ser criado um calendário em todo Médio Tietê, no dia 19 de Julho, anualmente toda região poderia comemorar e incentivar a manutenção, criação de coletivos, que dariam prosseguimento à essa cultura artesanal, que precisa de apoio para não desaparecer.

Neste dia de homenagem aconteceu um encontro jamais registrado, as duas mulheres cururueiras em um mesmo espaço cantando. Conseguimos juntar na sessão solene em homenagem aos cururueiros, Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu, a velha guarda, os dois mais jovens, Cassio Carlota e Andinho Soares.

Com o pressuposto da popularização o poder público já iniciou trabalho de divulgação dos eventos através de *banner* para publicação e envio em redes sociais, aumentando a possibilidade de encontrar interessados em ver o show de cururu.

Figura 01: Cartaz promocional de show de cururu



Fonte: SECOM – Secretaria de Cultura e Turismo (2017)

Outros detalhes da pesquisa empírica foram causando preocupação, pois a pesquisa mostrou o perfil de idade dos participantes, cantores e admiradores, entre 50 e 80 anos, mostrando que a decadência e a falta da renovação poderia levar a um futuro incerto do cururu.

A pesquisa indicou que a redução do quadro de participantes poderá ser em torno de 67%, nos próximos 30 anos levando em consideração a expectativa de vida do Brasileiro em torno de 75 anos.

Se pensarmos na renovação feminina neste parâmetro, na mesma equação de entrada de participantes *versus* falecimento é desastroso para o coletivo feminino, para cultura, para o cururu e para cidade, as últimas entradas datam de cerca de 50 anos.

O domínio masculino através do discurso androcêntrico e religioso

As conversas informais, a literatura, e também verificação no início dos shows, mostra que comumente nas primeiras rimas, o cantador agradece ao dom divino⁵ para cantar e ao povo presente. Os homens se apoiam neste discurso ortodoxo, no qual os homens teriam o “dom divino” para cantar, recebido do Divino Espírito Santo. Nas festas do Divino os homens escolhidos se tornavam representantes da igreja, recebiam esta

⁵ Dom divino - Atribuído à quem tem o dom da palavra, da rima, de quem recebe um dom espiritual para cantar

oportunidade de representar a igreja junto às comunidades distantes da igreja, para levar as palavras bíblicas através do canto improvisado, tomaram para si este discurso e desde então se apoiam que somente os homens poderiam ter esse dom e isso não caberia às mulheres.

A discussão dentro do contexto é delicada, em razão da perpetuação de dominação, do grupo social em que estão inseridos e principalmente do arquétipo religioso que se encontram, porém, é imprescindível para mudanças de renovação para que possam transpor barreiras e palcos, diversificando o sujeito ativo que vai usar o microfone, abrindo possibilidade para que muitos possam ser parte desta engrenagem.

O modelo patriarcal expressado dentro do cururu, vem ao encontro das divisões no trabalho expostas por Bourdieu, 2017 e Lemos 2005, utilizadas no campo para opressão através das divisões de trabalho, em que as mulheres não teriam capacidade, racionalidade para estar à frente dos negócios e das decisões importantes, cabendo a elas o domínio do lar e das profissões que não seriam nobres.

Esse dom divino que seria dado especificamente aos homens, refletiria ao sistema utilizado dentro da igreja católica, que se limitaria a seguir a tradição cristã, seguida desta maneira por ser considerada conforme a vontade de Deus sobre a sua igreja, segundo a declaração de 1976, do Papa Paulo VI, ratificado pelo Papa João Paulo II em 1994, considerando a sentença como definitiva para todos os fiéis da igreja “Todas as vezes que esta tradição teve oportunidade para se manifestar, ela deu testemunho da vontade da Igreja de se conformar com o modelo que o senhor lhe havia deixado”.

O que se percebe desse modelo é a retirada as mulheres do protagonismo, como nos padrões cristãos, ao não ser dado o dom divino à elas para serem os canais de comunicação da igreja nas localidades visitadas nas Festas do Divino, tampouco celebrar missa, cantar no desafio de cururu, e da mesma forma as mulheres são parte de toda estrutura ortodoxa, porém de forma secundária.

Os cururueiros ao repetirem o mesmo discurso, que somente os homens receberiam o dom divino para cantar, tentam estabilizar o poder masculino frente a inserção de mulheres no cururu, estabelecendo limites do seu espaço, controlando e tentando manter essa ordem social.

Na sombra do sagrado os homens multiplicam essa divisão, que Lemos nos indica que tem a função de gerar poder, de superioridade, “a ideia de poder não surge sem as

ideias de ascendência, controle e dominação e de seus corolários, a dependência e a subordinação” LEMOS, 2007, p.130).

Neste contexto das representações sacras criadas, a mulher não se identifica mais como ser semelhante e sim como inferior, não preferida por Deus.

Não sendo escolhida, caberia a mulher as segundas, terceiras, quartas opções, “Daí, elas entendem como as suas tarefas relacionadas com a reprodução e o espaço privado, ou seja, os espaços insípidos, opacos e profanos ‘são’ da responsabilidade feminina (LEMOS, 2007, P 130). A naturalidade, o sentimento que é assim mesmo, e vai continuar, é a lógica que precisa ser equilibrada.

Como falamos sobre o espaço rural, a mudança para o contexto urbano permanece, a mulher perde a identidade frente a ‘racionalidade’ masculina, de auto proclamar com maior capacidade intelectual, apoiada por um ser divino, superior, dando a ele esse poder de escolha, que para ele é o melhor e deve ser respeitado, não cabendo qualquer tipo de reação da mulher.

A subversão da mulher e suas contestações

A subversora do cururu Nhá Bentinha recebeu negativas e agressões simbólicas, que refletem a disputa e a luta pelo reconhecimento dentro do espaço de domínio masculino.

O discurso perpetuado dá a sensação que as mulheres não teriam capacidade de estar frente ao desafio em condições adversas, por serem mais emotivas não trariam respostas convincentes e não aguentariam o debate musical. O que se percebeu nas entrevistas, que repetição não se dá somente nos palcos, ele acontece também fora dele, quando as companheiras de plateia de Nhá Bentinha, a questionaram sobre as respostas ao mesmo nível dada ao cantor Cido Garoto, mesmo sendo uma brincadeira entre amigos, revelou o descontentamento da linguagem utilizada por ela, nas respostas.

Na gravação de áudio de nome “Égua Pocotó”, postada no YOUTUBE, uma das poucas existentes entre Nhá Bentinha e Cido Garoto, eles fizeram um desafio na carreira da caninha verde, confronto versado, um bate-rebate, com cerca de 20 segundos cada, que pode ter tempos diferenciados, com versos rápidos e respostas ágeis, contendo cerca de 50 palavras, com refrão cantado e padronizado de cerca de 15 segundos, nos intervalos entre um cantor e outro, chamado baixão.

Nesta gravação as metáforas estavam relacionadas a ele como um cavalo “Mossoró” e a ela, como éguinha “Pocotó”, rimas produzidas por eles para apresentações locais.

No início do desafio Cido Garoto já dá o tom da provocação com a rima “aqui vai meu cumprimento pra todos que aqui estão, hoje aqui neste momento vou fazer comparação, aproveitando essa plateia, vou judiá da égua véia pra largá de amolação”.

Após o verso o cantor e o violeiro fazem o baixão, um verso cantado que serve de apoio para os cantores, para que possam pensar na resposta ao oponente e esta, segue intercalando até o final do desafio, “Ai moreninha, moreninha meu amor, na onda dos teus cabelo corre água e nasce flor, ai moreninha, moreninha meu amor, na onda dos teus cabelo corre água e nasce flor”.

Nhá Bentinha respondeu a rima com o verso “hoje aqui eu vim cantá com muita satisfação, agora quero falá com o meu amigo Cidão, sou éguinha pocotó, égua véia é sua avó, que só faz xixi no chão”.

As rimas se sucederam trazendo as provocações típicas deste desafio, que alegram a comunidade participante, que cada vez mais gosta dos assuntos profanos, com gritos e aplausos colocam mais combustível, acirrando a disputa.

Na terceira rima os ânimos já estavam apimentados, quando Cido Garoto respondeu a rima de Nhá Bentinha, que o chamou de cavalo “Pangaré”, definição aos cavalos sem raça, “Mesmo sendo pangaré eu não fico ofendido, pois cada coice que eu dé, acerto no pé do ouvido, essa égua pangaré tem o rabo mai cumprido, muntá nela não dá pé e muito sai arrependido, tem um vício de dá tranco e não pode ver barranco que fica de rabo erguido”, a égua, em referência de estar disposta ao ato sexual ao ver barranco, representado por Nhá Bentinha.

A resposta também eleva o tom, mesmo sendo uma brincadeira entre eles, segundo Nhá Bentinha começou a despertar nas mulheres da plateia um desconforto, ela respondeu da seguinte maneira “Sou eguinha marchadeira, o meu trote é um estouro, minha raça de primeira, o meu preço vale ouro, pangaré fala besteira qui nem papagaio louro, eu sou égua barranqueira, veja só que desaforo, vou deixar o cavalo bravo, o quê que adianta erguer o rabo, se ele não dá no côro”, um relação de impotência sexual do cavalo, representado por Cido Garoto.

Seguindo os versos com o clima quente, Cido Garoto cantou “Pois sou o cavalo rei, tenho muito gabarito, que no côro eu não dei, isso até eu admito, sabe que nunca faiei,

quando o rabo tá bonito, o rabo da égua oiei, quase sortei um gumito, quando eu vi o rabo erguido, tava roxo de fedido e cuaiado de mosquito”, o verso neste ponto, indicado para a “éguinha”, relacionando com Nhá Bentinha, que não tinha assepsia, estaria cheia de moscas, não pronta para o ato sexual, estando avessa ao momento do coito, causando a falta de ereção.

Sobre as mulheres assistindo ao evento esse momento foi crucial, a resposta deste verso causou estranhamento entre as mulheres que estavam assistindo, pelo vocabulário utilizado, o que não era o mesmo da cantora cotidianamente. “A cocheira que eu habito é tudo desinfetado, tava cheio de mosquito, é disculpa de aleijado, eu tenho o rabo bonito, além disso é perfumado, é o que o cavalo esquisito, ele é meio dilicado, não adianta vim com choro, pangaré não dá no côro, deve ser cavalo viado”, o cavalo, representado pelo cantor, além de ter problemas de ereção, seria homossexual.

Os versos cantados foram reprovados por algumas mulheres do convívio da cantora, que não se viram representadas patriarcalmente, no conceito familiar, pela única mulher da região cantando o cururu, mesmo respondendo com respostas duras, aos versos recebidos, teve essa negativa pelas companheiras dos eventos, emergindo mais um bloqueio pessoal na cantora, além idade avançada e suas dificuldades com a memória.

Nhá Bentinha disse em entrevista que por volta de 2003 parou de cantar o cururu oficialmente por ser agredida verbalmente em uma disputa com um homem, que durante a rima a chamou de vadia, causando constrangimento a ela e a plateia.

O discurso masculino nos versos e no cotidiano continua mostrando violência simbólica, descrita como “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2017, pg. 13), espalhada pela comunidade, atingindo o próprio coletivo feminino, que também replica a mesma imagem masculina, colocando a artista, como fora dos padrões estabelecidos e que não tem autoridade para quebrar os paradigmas, sem cultura e discernimento para respostas convincentes dentro do que estabelece o coletivo masculino, “podendo, portanto, cometer o mal; está mais vulnerável e predisposta ao descontrole”(LE MOS, 2007, p.131).

A imputação da dificuldade da diferenciação entre o bem e o mal, a emotividade, a relação com o corpo e reprodução, reforça o discurso do homem, o que determina essa a violência à mulher. “Essas características, entendidas como partes de identidade, fazem

com que a mulher aceite a negação de uma identificação feminina com o sagrado” Lemos, 2007, p 131).

Tensões no cururu

Os temas abordados podem causar transtornos até mesmo entre homens, amigos e irmãos. Segundo Santa Rosa, o assunto pode não agradar ao oponente e as tensões e divergências aparecem.

Até entre irmãos pode acontecer rimas atravessadas e divergências as rupturas existem. Santa Rosa relata sobre encontro que quase teve fim trágico em Piracicaba, em que o cururueiro Dito João que outrora teve um irmão morto por um homem de apelido “cobra”, cantou que naquele dia ele seria o campeão e que a “cobra ia fumá”, Onofre Jordão um cantador que gostava de caçar dos adversários cantou “largue mão dessa manobra ocê, que uma cobra que matô vosso irmão”.

A confusão estava armada, com uma faca na mão Dito João foi pra cima do Onofre Jordão que corria, se defendia e continuava a cantar. A confusão deixou imagens de santos pelo chão, mulheres e homens saindo correndo até a turma do deixa disso separar os dois. “Onofre Jordão...era uma tentação, o home” (SANTA ROSA, 2007, p.90).

Os versos atravessados, assuntos que cutucavam as feridas dos cantadores, poderiam sair do palco, com discussões e cara feia. Abel Bueno, cantador de cururu, lembra de um cantador que ia muito bem até ser provocado, levando a sério os versos do cururu para vida pessoal “o Agustinho de Aguiar era um cantadô que ele achava que as ofensa era de verdade”, (SANTA ROSA, 2007, p.109).

Os homens se sentem muitas vezes menosprezados, agredidos, invadidos em sua privacidade e partem para as agressões físicas, e se essas agressões partissem ao encontro da mulher, como seria? Nhá Bentinha respondeu parando de cantar.

Considerações finais

Este paradigma do dom divino ser somente designado aos homens, a violência simbólica dentro dos desafios, o corporativismo e a disputa por espaços afastou homens e praticamente acabou a com a participação da mulher como protagonista nos eventos.

Em 2018 constatamos duas cantoras, uma com 76 e outra com 70 anos, e não há evidenciado nenhuma mulher interessada em cantar nos desafios.

A pesquisa empírica constatou que os cururueiros e expectadores têm entre 50 e 80 anos, considerando que a expectativa de vida média do brasileiro, segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística está em 75,8 anos, em cerca de 25 anos teremos próximo de dois terços deles a menos participando dos desafios e possivelmente a extinção da participação da mulher cantando, por falta de renovação.

A necessidade de mudar o olhar pessoal dos cantores, comportamento corporativo do grupo e o discurso da religiosidade, estará diretamente ligado a própria existência do cururu. Os homens provedores desta estrutura ortodoxa, precisarão buscar o entendimento desta sobrevivência, o equilíbrio e a diversidade, abrindo caminhos do desenvolvimento desta arte.

Conseguimos avançar com aprovação da lei de incentivo ao desafio de cururu em Sorocaba e Porto Feliz, duas cidade conurbadas, a discussão em outras cidades do Médio Tietê, São Paulo, estão em andamento.

O apoio público é de grande importância para continuidade dos eventos, divulgação e renovação destes artistas. O tempo trará o reflexo dessas atitudes.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CAMARA MUNICIPAL DE SOROCABA. Disponível em: <<http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/proposituras/listarproposituras>> - Acesso em: 05 Jun. 2017.

D'ELBOUX, Paulo César. **A História do Cururu em Santa Bárbara**. Santa Bárbara d'Oeste - São Paulo: PMSBO/SP, 2010.

DESAFIO EGUA POCOTÓ CANINHA VERDE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mpGxnQwW9Kc>> - Acesso em: 01 Dez. 2017.

EXPECTATIVA DE VIDA DO BRASILEIRO SEGUNDO O IBGE. <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/%E2%80%A6/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe%E2%80%A6>>- Acesso em: 21 Jul. 2018.

LEMOS, Carolina Teles. **Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa**. Goiânia: UCG, 2005.

MIÉGE, Bernard. **O pensamento Comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PESQUISA VATICANO SOBRE ARGUMENTOS DA IGREJA SOBRE ACESSO AO PELAS MULHERES AO SACRAMENTO. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html> - Acesso em: 15 Mai. 2018.

PROGRAMA FOCO – CIDO GAROTO. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fIN52GwmnsM>> – Acesso em: 03 Mar. 2018.

PROGRAMA FOCO - NHÁ BENTINHA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vOqW2UIYsKc>> - Acesso em: 03 Mar. 2018.

RESPOSTAS PESQUISA FACEBOOK NO LOCAL DO DESAFIO DE CURURU: <https://docs.google.com/forms/d/1LTpCbDcDNMuXFxm_m_LRWw7pi2QTtxwDu_bfSINWoyo/edit#responses> - Acesso em: 15 Ago. 2017.

SANTA ROSA, Sérgio. **Prosa de cantador**. São Paulo: FEPAF, 2007.

SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AOS CURURUEIROS DE SOROCABA E REGIÃO. Disponível em: <<http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/noticias/vernoticia;jsessionid=51681a98b28f30c50b5723d7de4a?codigoNoticia=16864>> - Acesso em: 10 Mai. 2018.